

**O exílio republicano espanhol sob outra perspectiva:
*La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco***

Katia Aparecida da Silva OLIVEIRA*

Resumo: No conto *La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco* (1960), de Max Aub, observa-se uma narrativa que se desenvolve ao redor do exílio republicano espanhol no México. O relato, criado a partir da perspectiva de uma personagem mexicana, permite uma aproximação da problemática do exílio, além de destacar uma construção literária complexa, repleta de ironia. Este artigo pretende, assim, analisar a forma como o exílio é representado ao longo da narrativa, considerando a perspectiva distanciada apresentada e os recursos estéticos utilizados pelo autor.

Palavras-chave: Exílio Republicano Espanhol. Max Aub. Revisão do Passado. Ironia.

The Spanish Republican exile under another perspective: *La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco*

Abstract: In the Max Aub's short story *La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco* (1960), one can observe a narrative that develops itself around the Spanish Republican exile in Mexico. The story created from the perspective of a Mexican character allows an approach to the exile problem, besides emphasizing a complex literary construction full of irony. This article aims to analyze the way exile is represented throughout the narrative, considering a distance perspective presented and the aesthetic recourses adopted by the author.

Keywords: Spanish Republican Exile. Max Aub. Revision of the Past. Irony.

* Professora Doutora – Departamento de Letras, ICHL – UNIFAL-MG – Universidade Federal de Alfenas, Campus Sede – Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, CEP 37130-001, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: katia.oliveira@unifal-mg.edu.br.

*Estoy cansada de no saber dónde morirme. Esa es la mayor tristeza del emigrado. ¿qué tenemos nosotros que ver con los cementerios de los países donde vivimos? Habría que hacer tantas presentaciones de los otros muertos, que no acabaríamos nunca. Estoy cansada de hilarme hacia la muerte. Y sin embargo, ¿tenemos derecho a morir sin concluir la historia que empezamos? ¿Cuántas veces hemos repetido las mismas palabras, aceptando la esperanza, llamándola, suplicándola para que no nos abandonase? (María Teresa León, **Memorias de la melancolía**).*

O exílio republicano espanhol, do qual fizeram parte pessoas de diferentes classes sociais e de distintas formações ou posições políticas, proporcionou o surgimento de uma série de obras literárias que não só apresentam a representação e a reflexão sobre a própria experiência do exílio, como também revisam a história da Espanha, principalmente do início do século XX.

Sabe-se que a Guerra Civil espanhola, que ocorre entre os anos de 1936 e 1939, marca um período de violência e crise no Estado espanhol. O conflito bélico constituído pela disputa política e ideológica entre os Republicanos e o grupo rebelde liderado por militares, conhecido como bando Nacional, vencedor da contenda, representa um espaço de experimentação do que seria posteriormente a Segunda Guerra Mundial.

A barbárie estabelecida ao longo dos anos da Guerra Civil fez a morte, a fome e a violência em geral se transformarem na rotina dos cidadãos que vivenciaram o momento. Tanto aqueles que tomavam partido de um dos grupos em disputa, como aqueles que não tinham opinião formada sobre ela sofreram as suas consequências. Como comenta Paul Preston:

Durante la Guerra Civil española, cerca de 200.000 hombres y mujeres fueron asesinados lejos del frente, ejecutados extrajudicialmente o tras precarios procesos legales. Murieron a raíz del golpe militar contra la Segunda República de los días 17 y 18 de julio de 1936. Por esa misma razón, al menos 300.000 mil hombres perdieron la vida en los frentes de batalla. Un número desconocido de hombres, mujeres y niños fueron víctimas de los bombardeos y los éxodos que siguieron a la ocupación del territorio por parte de las fuerzas militares de Franco. En el conjunto de España, tras la victoria definitiva de los rebeldes a finales de marzo de 1939, alrededor de 20.000 republicanos fueron ejecutados. Muchos más murieron de hambre y enfermedades en las prisiones y los campos de concentración donde se hacinaban en condiciones infrahumanas. Otros sucumbieron a las condiciones esclavistas de los batallones de trabajo. A más de medio millón de refugiados no les quedó más salida que el exilio, y muchos perecieron en los campos de internamiento franceses. Varios miles acabaron en los campos de exterminio nazis. (PRESTON, 2013, p. 17)

Resultado dramático da perda da Guerra Civil espanhola, o exílio espanhol revela, como diz Valéria De Marco (2011, p. 98), um processo sistemático de violência de Estado.

Ainda segundo a autora, a diáspora dos vencidos não é tão conhecida ou descrita como os acontecimentos da guerra, algo que pode ser compreendido ao considerar a forma como o Estado franquista organizou seu discurso para tratar esse evento, diminuindo sua importância, demonizando os refugiados e despolitizando o êxodo.

Tratando mais especificamente do exílio, deve-se compreender, antes de tudo, que é uma experiência individual única que pode ser compreendida como uma ruptura, uma grande perda para aquele que, de alguma maneira, é obrigado a vivenciá-lo. O exilado tem de abandonar a sua pátria e junto a ela algo de seu e de sua história, ademais de carregar consigo a esperança de voltar ao seu lugar e de ver seus ideais e tudo aquilo em que acredita tornar-se realidade. Segundo Said (1984, p. 3),

El exilio es la grieta insalvable producida por la fuerza entre un ser humano y su lugar de nacimiento, entre el yo y su verdadero hogar. La desdicha esencial de esta ruptura no puede superarse. Ciertamente existen historias que presentan al exilio como una condición que abre la vida a episodios heroicos, románticos, gloriosos y hasta triunfales. Pero son sólo historias, esfuerzos para vencer la inválida desdicha del extrañamiento. Los logros de cualquier exilado están permanentemente carcomidos por su sentimiento de pérdida.

O exilado vive submerso em um sentimento de perda. O exílio representa a ausência, a falta e a distância que existe entre o exilado e o seu lugar, a falta de raízes e a sensação de não pertencimento. A expressão desses sentimentos, a rememoração do passado e a frequente falta de adaptação e/ou estranhamento frente à realidade dos países em que foram recebidos como sua nova terra são, na maioria das vezes, matéria de representação da produção literária do exílio. Como comenta Sánchez Cuervo (2009, p. 5), a memória do exílio a partir de quem o experimentou, representada de forma autorreflexiva, permite que tal experiência subjetiva se apresente de forma crítica, como uma forma reconstrução do passado, em suas palavras “La propia desubicación del exiliado constituye además un lugar privilegiado para emprender dicha reconstrucción.” (SÁNCHEZ CUERVO, 2009, p. 5).

Porém, representar a experiência do exílio pode não ser uma tarefa fácil de ser realizada, uma vez que, como diz Valéria De Marco (2009, p. 119) “Falar do exílio é falar de vida errante, suspensa, envolta em silêncio. Como tratar esteticamente este vazio?”. A construção literária, assim, transforma-se numa tentativa de representar esse “vazio” de que fala a autora, num meio de registrar a experiência vivida, de reavaliar o passado por meio da representação das memórias e de projetar os seus anseios mais íntimos, como, por exemplo, o desejo de retornar ao lar.

Max Aub foi um dos espanhóis exilados depois da Guerra Civil espanhola. Após cruzar a pé os Pirineus, em fevereiro de 1939, ao lado de tantos outros espanhóis, Aub esteve preso no estádio de Roland Garros, depois no campo de concentração de Vernet, sendo transferido posteriormente para o campo de concentração de Djelfa, de onde, em 1942, seguiu para o exílio em terras mexicanas, onde viveu até sua morte em 1972.

Como escritor, Max Aub tem uma produção literária extensa. Experimentou diversos gêneros literários, representou em sua escrita as guerras que vivenciou, os campos de concentração e o exílio, entre outros temas. Especificamente sobre o exílio, Aub buscou representar suas percepções em obras como *Las vueltas* (1965), *La gallina ciega. Diario español* (1971) e em relatos curtos como *El remate* (1961) ou *La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco* (1960), sobre o qual se debruça o presente trabalho.

Em *La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco* é possível encontrar uma narrativa interessante e diferente do que normalmente um leitor buscaria encontrar em um relato em que se aborde a temática do exílio. Nesse texto não há um relato tipicamente memorialístico ou o relato da experiência pessoal do exilado Max Aub, mas uma construção ficcional que não deixa de tratar do exílio espanhol no México.

Nesse conto, o exílio é representado a partir da perspectiva de uma personagem mexicana: o garçom Ignacio, que trabalhava em um café, denominado “*Café Español*”, na Cidade do México. Para Nacho, como era seu apelido, que se sentia satisfeito com sua vida e trabalho, a chegada dos refugiados espanhóis foi um transtorno e representou a quebra da harmonia em que acreditava estar imersa sua existência.

Nesse sentido, é possível observar a tentativa de construção de um olhar sobre o exílio que é externo ao do exilado. Cria-se, assim, a possibilidade de observar o exilado com os olhos daqueles que o receberam e de pensar o exílio sob este ponto de vista, afinal o êxodo espanhol trouxe mudanças não só para a vida dos exilados, mas também para aqueles que os receberam e que conviveram com eles. Por outro lado, a forma como os exilados espanhóis são representados no decorrer do conto não deixa de propiciar uma visão acerca da experiência do exílio como algo pessoal.

A narrativa, dividida em cinco partes, inicia-se com a apresentação de Nacho. Sua história, desde o nascimento até o momento em que, aos 15 anos, “[...] se descubrió auténtica vocación de mesero.” (AUB, 1997, p. 407), é descrita de forma breve, em um parágrafo, uma vez que a vida da personagem parece realmente iniciar-se e ter sentido a partir do momento em que se vê como garçom.

A forma como a relação entre o ofício da personagem e sua possível vocação é construída pode, de certa maneira, no desenrolar da narrativa, conduzir o leitor e associar-se à ideia de predestinação. É como se Nacho encontrasse o seu destino na profissão,

como algo de que não se pode fugir, sendo possível, até mesmo, perceber, como se verá adiante, que a personagem não só aceita o seu destino, como se realiza nele.

O narrador, que só se revela como sendo de primeira pessoa no fim do relato, faz questão de apresentar a profissão de Nacho como algo digno de respeito e reconhecimento:

Ser mozo de café es prestar servicios, no famulato; dependencia, no esclavitud; tiénese ocasión de ofrecer, indicar, recomendar, reconocer; lazarillo de gustos ajenos; factótum, no lacayo; maestresala, copero, no mozo; camarero, no siervo ni siquiera apellidando libertad. Un mesero tiene personalidad, mayor con los años si cuenta con parroquia fija, más ligada ésta a la costumbre que el servidor. Sólo el peluquero se le puede comparar, y no en la asistencia, menos frecuente. (AUB, 1997, 407)

Com essa descrição, cria-se a ideia de que ser garçom pode ser muito mais que simplesmente servir mesas. Nacho desenvolve, segundo o narrador, o importante papel de aconselhar, organizar e satisfazer o cliente. Por meio da descrição, o garçom parece ocupar um lugar importante na vida daqueles que frequentam o café, sendo mais que um simples serviçal. É essa a imagem que Nacho tem de si mesmo. Ele acreditava que era importante para os frequentadores do café, como se nota na descrição que o narrador faz dele:

Pequeño, hirsuto, canicas de obsidiana los ojos vivísimos; barba cerrada, magro, tirando a cobrizo, limpio a medias, los dientes muy blancos de por sí y de no fumar, se movía sin prisas, seguro de su importancia, de llevar a cabo sus funciones con perfección – lo cual era relativo. (AUB, 1997, p. 409 – grifos nossos).

Da forma como é apresentado, pode-se considerar que Ignacio se sente importante pelo ofício que tem e se realiza nele, chegando até a abrir mão de sua folga semanal pelo prazer de trabalhar como garçom no café. Além disso, ele crê que desenvolve suas funções com perfeição, embora o narrador indique que isso era relativo. Essa relatividade pode ser interpretada de duas maneiras que podem até ser complementares: a primeira poderia relacionar-se à ideia de que Nacho não desenvolvia tão bem suas funções como acreditava, enquanto a segunda pode direcionar-se à ideia de que o garçom não era tão importante como imaginava.

Por outro lado, a descrição apresentada de Nacho não o transforma na personagem mais simpática do conto. Seja pelos seus olhos seja por sua limpeza “*a medias*”, o garçom não é apresentado como uma personagem empática, embora desempenhe na narrativa um papel central.

Deve-se notar que outras características de Ignacio, além do gosto pelo trabalho, também são apresentadas na primeira parte do conto a falta de desenvolvimento de vida

peçoal e de relacionamentos afetivos e a sua falta de ambição – sente-se satisfeito com o pequeno quarto que alugava e com sua rotina laboral, sem demonstrar possuir grandes desejos a realizar.

A relação de Nacho com seu trabalho, no avançar da narrativa, parece ir além da vocação ou predestinação, chegando a beirar a dependência. É pelo seu trabalho que ele se afirma e reconhece a si mesmo, sendo também dessa forma que o leitor pode aproximar-se dele.

Observa-se que Nacho também desenvolveu, ao longo de sua carreira, a habilidade de aprender a partir do que ouvia das conversas dos frequentadores do café. Assim, o conhecimento que tinha foi se formando aos poucos, de forma que “Las fuentes de su saber fueron variadas, según las horas y el tempo.” (AUB, 1997, p. 410). Outro aspecto importante da caracterização de Nacho é a sua aversão a mudanças, já que “Su concepción del mundo es bastante clara; aceptable como está.” (AUB, 1997, p. 409). Para ele só interessavam as histórias e problemas dos frequentadores do café – que acabava ouvindo em meio ao desenvolvimento de suas tarefas – e que, no fim das contas, constituíam a sua realidade.

O fato de não gostar de mudanças acaba sendo essencial para o desfecho do conto, uma vez que é movido por esse aspecto de sua personalidade que Nacho decide assassinar o ditador espanhol Francisco Franco. Assim, a caracterização da personagem e sua identificação com o seu ofício, apresentada na primeira parte do conto, anuncia e prepara o leitor para o que acontece a seguir na narrativa. Uma personagem como Nacho faria tudo ao seu alcance para que sua realidade e rotina se mantivessem a mesmas, e é isso o que se realiza na obra.

Não há dúvidas de que a rotina do garçom era já estabelecida, ele conhecia não só os clientes do café, como também os horários em que frequentavam o estabelecimento, seus ofícios e gostos; porém, em 1939, quando começam a chegar ao México os refugiados espanhóis da Guerra Civil sua rotina começa a ser ameaçada.

É assim que se inicia a segunda parte do conto: os refugiados espanhóis começaram a se exilar no México e a ocupar diferentes espaços, entre eles o café onde trabalhava Nacho. O estilo de vida espanhol rompeu com o antigo ritmo que regia a vida do garçom, invadindo e modificando drasticamente a rotina harmoniosa que até então estava estabelecida.

É evidente que Ignacio sentiria algum estranhamento em meio às mudanças que se instauraram no café. O garçom estranhou desde o tom usado pelos espanhóis ao falar, diferente do mexicano, até a forma como se dirigiam aos empregados do café, sem contar as mudanças que conseqüentemente vieram com eles:

Los refugiados, que llenan el café de la mañana a la noche, sin otro quehacer visible, atruenan: palmadas violentas para llamar al “camarero”, psts, oigas estentóreos, protestas, gritos desaforados, inacabables discusiones en alta voz, reniegos, palabras inimaginables públicamente para oídos vernáculos. Nacho, de buenas a primeras, pensó regresar a Guadalajara. Pudo más su afición al oficio, la cercanía de su alojamiento, la comodidad, el aprecio del patrón (feliz con el aumento consumicionero, que le permitió traspasar provechosamente el establecimiento a los tres años). El hondo resquemor del inesperado y furioso cambio no desapareció nunca. Sufrió el éxodo ajeno como un ejército de ocupación. (AUB, 1997, p. 413).

A forma como os refugiados são apresentados, considerando o olhar de Nacho, é no mínimo negativa. A maneira como se expressavam os espanhóis é descrita como algo que beirava a grosseria e a agressividade, evidenciando o choque cultural que se instalou no café com sua chegada. Como em uma representação simbólica, a realidade descrita no café evoca as transformações que a chegada dos exilados imprimiu no cotidiano mexicano. O estilo de vida representado anteriormente é desfeito pela presença dos exilados, cedendo espaço para um contexto de contato e conflitos entre diferentes manifestações culturais. O exílio, assim, baseado nas impressões da personagem, acaba sendo representado como uma espécie de invasão e os exilados, como “*un ejército de ocupación*”.

Concentrando a atenção no café como uma representação concentrada da realidade daquele momento, não se pode ignorar a ironia presente no seu nome: *Café Español*. Esse nome, ainda que dado a um estabelecimento mexicano que, pela narrativa, parece ter alguma tradição entre a comunidade em que se insere, permite interpretar que, sendo um “café espanhol”, acaba sendo um espaço dos espanhóis, um espaço que naturalmente poderia ser ocupado por eles.

O nome do café traz à narrativa a relação de conflito cultural entre México e Espanha, entre conquistado e conquistador. O café representado na ficção como um estabelecimento tradicional na Cidade do México, ao invés de ser reconhecido como mexicano, é uma recordação da relação desigual entre essas culturas, evidenciando o poder da cultura do conquistador sobre o conquistado.

Nesse sentido, a aversão de Nacho pelos espanhóis é justificada, ao considerar-se um nível mais profundo de relações entre as culturas representadas. Não se pode negar, porém, a afeição contraditória da personagem pelo café e o que ele representa. Talvez o que se possa reconhecer é a relação paradoxal que tem o conquistado com o conquistador: há algo de repulsa que convive com a admiração pelo outro e sua cultura. De qualquer maneira, o texto de Aub mostra que, apesar de alguma admiração pela cultura do conquistador, o contato excessivo com ela revela a diferença e, ao mesmo tempo, reforça a existência de uma cultura tipicamente mexicana.

Observando a maneira como são descritos os espanhóis refugiados, percebe-se que não há entre eles nenhuma tentativa de aculturação, pelo menos enquanto estão no café. Os exilados consideravam que sua permanência no México era provisória e que logo poderiam retornar à sua pátria, estavam “Todos seguros de que, a los seis meses, regresarían a su país, ascendidos.” (AUB, 1997, p. 415).

Ademais, além da certeza que tinham do regresso próximo, os espanhóis pareciam não conseguir entrar em acordo, as suas organizações e a forma como conviviam entre si pareciam ser complexas e, de certa forma, até hostis para aqueles que os receberam:

Los españoles – como de costumbre, decía don Medardo – lo resolvieron todo con sus partidos y subdivisiones sutiles que sólo el tiempo se encargó de aclarar en la mente nada obtusa, para estos matices, del mesero sonoreño; por ejemplo: de cómo un socialista partidario de Negrín no podía hablar sino mal de otro socialista, si era largocaballerista o “de Prieto”, ni dirigirle la palabra, a menos que fuesen de la misma provincia; de cómo un anarquista de cierta fracción podía tomar café con un federal, pero no con un anarquista de otro grupo y jamás – desde luego – con un socialista, fuera partidario de quien fuera, de la región que fuese. El haber servido en un mismo cuerpo de ejército era ocasión de amistad o lo contrario. El cobrar los exiguos subsidios que se otorgaron a los refugiados los primeros años, subdividía más a los recién llegados: los del SERE frente a los del JARE, así fuesen republicanos, socialistas, comunistas, ácratas, federales, andaluces, gallegos, catalanes, aragoneses, valencianos, montañeses o lo que fueran. En una cosa estaban de acuerdo: en hablar sólo del pasado, con un acento duro, hiriente que trastornaba. (AUB, 1997, p. 414).

As relações entre os refugiados provenientes de diferentes partidos políticos, de distintas regiões da Espanha ou mesmo de velhos companheiros de guerra não eram fáceis de compreender, representando frustrações, traumas e crises não resolvidas antes do exílio. Os espanhóis criados por Aub, tentando recuperar a experiência do exílio, mostram a dificuldade que tem o exilado de se distanciar do passado, vivendo no presente as memórias de um passado que para eles não acabou.

Comentando a experiência do exilado, Ascensión Hernández de León-Portilla (2010, p. 33) pondera:

Los primeros años del exilio son de mirada interior, de búsqueda del porqué de la derrota, de reflexión sobre el pasado para encontrar una justificación de él y dar un sentido al presente; son un volver sobre el dolor que no termina y que produce mucho malestar. Esta actitud se manifiesta en las luchas entre ellos mismos, en las discordias y desavenencias y hasta en el enfrentamiento entre los dirigentes que resistieron hasta el final como Prieto y Negrín. Se manifiesta también en los conflictos y tensiones en el seno de los partidos y hasta en depuraciones de miembros disidentes.

Com todas essas diferenças, porém, o passado era algo que unia os refugiados. Deve-se recordar que o exilado é um desgarrado e tudo o que deseja é recuperar o que perdeu. Enquanto isso não acontece, o ato de rememorar o passado se torna um meio de reter o que já não se tem. Adolfo Sánchez Vázquez, escritor espanhol que foi exilado depois da Guerra Civil, assim como Max Aub, comenta:

El desterrado no tiene tierra (raíz o centro). Está en vilo sin asentarse en ella. Cortadas sus raíces, no puede arraigarse aquí; prendido del pasado, arrastrado por el futuro, no vive el presente. De ahí su idealización de lo perdido, la nostalgia que envuelve todo en una nueva luz (las calles sucias resplandecen; la fruta pequeña se agranda; las flores huelen mejor; las voces duras se suavizan, y hasta las piedras pierden sus aristas). Idealización y nostalgia, nutriendo la comparación constante. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1997, p. 46).

Assim como diz Sánchez Vázquez, o exilado vive preso ao passado desejando no futuro voltar à terra que teve de deixar. O tempo presente acaba sendo esquecido em detrimento de uma supervalorização e idealização do passado. Essa rememoração excessiva é bem retratada no relato de Aub. Os refugiados espanhóis que frequentavam o Café Espanhol passavam os dias recordando os acontecimentos da Guerra Civil e fazendo planos para quando o governo de Franco chegasse ao fim.

Nesse sentido, o conto consegue construir uma representação bastante realista dos exilados. Com base na forma como a narrativa vai sendo desenvolvida é possível observar, assim como aqueles que os receberam, como reagiram ao exílio os homens e as mulheres que tiveram de deixar sua pátria.

Esse aspecto memorialista dos exilados, por outro lado, representa uma tortura para Nacho. O garçom que tinha prazer em acompanhar as conversações diárias dos frequentadores do café, atualizando-se e aprendendo com eles; tendo que servir aos refugiados espanhóis, era obrigado a ouvir as mesmas conversas focadas no passado todos os dias.

Vale pensar, também, como já se mencionou, ao considerar a forma como Nacho vê os espanhóis, no fato de que historicamente a relação entre México e Espanha, não era das melhores para os americanos, especialmente depois da independência e da revolução mexicana. O sentimento dos mexicanos em relação aos espanhóis era, segundo o narrador, de ódio. Nesse sentido, a narrativa reforça o conflito entre as duas culturas, representando aquilo que já afirmava Uranga: “Si oponerse es determinarse, la negación de lo español es en México la determinación de lo mexicano. Todas las otras oposiciones son derivadas o secundarias, y suponen siempre la originaria y radical negativa de lo español.” (URANGA, 1952, p. 49 apud CORDERO, 2003, p. 56).

Esse sentimento de ódio obviamente se associou à rejeição que Nacho sentia pelos espanhóis, tanto por sua postura no café, como pela sua obsessão pelo passado. Dessa maneira, para o garçom mexicano, os exilados espanhóis acabaram configurando um grande problema, uma vez que com a presença dos desterrados a harmonia e o prazer pelo ofício que movimentavam a vida do garçom ficavam ameaçados.

No decorrer da narrativa, à rotina imposta pelos exilados à vida de Ignacio, uniu-se outra personagem no ano de 1952: Fernando Marín Olmos, porto-riquenho, também exilado no México por motivos políticos (era partidário de Albizu Campos e da independência da ilha de Porto Rico). Com a chegada dessa personagem e a mudança de panorama que se instala na vida de Nacho tem início a terceira parte do relato.

Marín parecia ser sociável e já tinha experimentado diferentes ofícios. Em pouco tempo de convivência, estabeleceu-se entre Nacho e o porto-riquenho uma boa relação, embora ambos fossem muito diferentes, quase opostos.

Nacho tentou confidenciar a Marín o quanto lhe perturbavam os espanhóis com seu tom, modos e temas de conversação, mas o colega de profissão não estava de acordo com ele. Como exilado, o porto-riquenho tinha uma boa convivência com os refugiados espanhóis, algo que levou Nacho a se calar e guardar para si suas impressões acerca dos estrangeiros – o que conseqüentemente acabou lhe causando uma úlcera.

Um dos temas recorrentes que povoavam as conversas de Marín e os espanhóis estava relacionado à questão dos atentados:

Marín solía discutir con los refugiados españoles acerca de las ventajas e inconvenientes del atentado personal. No comprendía cómo habiendo tantos anarquistas en España no hubieran, por lo menos, intentado asesinar a Franco. Los comunistas se oponían asegurando que no servía de nada su desaparición violenta, como no fuera para reemplazarlo por otro general de la misma clase; los republicanos objetaban sus propios convencimientos liberales; algún federal, opuesto a la pena de muerte, se sublevaba con la sola idea. Los ácratas traían a colación las insalvables dificultades policíacas y militares. (AUB, 1997, p. 419)

É interessante observar a maneira como a questão do atentado era tratada por Marín e pelos espanhóis por uma razão: a de que, considerando a natureza de Nacho, de ouvir e aprender valendo-se das conversas no café, pode-se pensar que nesse caso não seria diferente, sobretudo porque Nacho tinha uma boa relação com Marín e poderia levar em conta, de forma mais intensa que habitualmente, o que este dizia.

Dessa maneira, a persistência da convivência difícil – pelo menos para Nacho – com os espanhóis durante anos (já que o exílio republicano se estendia mais do que esperavam os refugiados) e a frequente retomada do debate sobre o atentado pessoal, acabaram

levando o garçom a tomar uma atitude, que a seus olhos, seria capaz de restaurar a realidade anterior à chegada dos exilados: a única maneira de fazê-los retornar à Espanha e deixar o “seu” café como era antes, seria realizar um atentado e assassinar o ditador espanhol Francisco Franco.

Acabar com a vida de Franco torna-se, aos olhos do garçom, o preço a ser pago para recuperar o estilo de vida que havia sido perdido. Nacho, após anos de convivência, não conseguia se adaptar à nova realidade que se havia instaurado no café e prefere partir para um plano inusitado, que muitos considerariam estar fadado ao fracasso.

Para realizar o assassinato de Franco, Nacho contou com o dinheiro que conquistou por meio de empréstimos com juros que realizava como agiota, graças ao conselho que recebeu de Marín. Isto somente se fez possível pelo fato de que Nacho não tinha uma vida pessoal além do trabalho e nem ambições pessoais ou materiais aparentes, o que lhe havia permitido economizar bastante ao longo da vida. Ironicamente, a falta de grandes ambições acabou possibilitando que ele pudesse aumentar substancialmente seu capital, dando-lhe as condições financeiras necessárias para a realização do seu plano homicida.

Finalmente, a quarta parte do conto apresenta a forma como se realizou o assassinato de Franco e, como diz seu título, revela a “verdadeira história da morte” do ditador. A fim colocar em prática o seu plano, Nacho convenceu Marín a lhe “emprestar” o passaporte norte-americano que tinha. O garçom mexicano conseguiu que trocassem as fotos do passaporte e, em 2 de junho de 1959, gozando de férias pela primeira vez, Ignacio Jurado Martínez, que se transformou em Fernando Marín Olmos – pelo menos nos documentos – chegou à Espanha para assassinar Francisco Franco.

A reviravolta da história evidencia como é composto por elementos pós-modernos. Max Aub joga com as relações entre história e ficção, criando uma versão da história que poderia ter ocorrido, apesar de muito improvável. Assim, esse processo de re(a)apresentação do passado, focando-se no exílio e buscando uma forma de representar uma experiência para a qual dificilmente há palavras, pode ser entendido como pós-moderno na medida em que “A ficção pós-moderna sugere que reescrever ou reapresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico.” (HUTCHEON, 1991, p. 147).

Essa revisão histórica com foco na chegada dos espanhóis refugiados ao México expõe a complexidade do momento, a dificuldade de relação entre culturas, especialmente considerando a falta de empenho do exilado em se integrar a uma nova sociedade graças à esperança do retorno, e a agonizante experiência da ausência e do vazio vivenciada pelos que perderam suas raízes.

A versão da história que se apresenta na narrativa de Aub ficcionaliza um acontecimento – a morte de Franco – a fim de criar a possibilidade de que o leitor entreveja e tente compreender a realidade lancinante do exilado. A eterna esperança pelo retorno, a insistência na memória e a dificuldade de adaptação em uma realidade que não escolheu para si compõem um esboço do que seria um exilado. Além disso, a opção por apresentar a perspectiva de uma personagem mexicana tenta criar uma pintura do exilado por alguém que o observa, mas não é ele, que é descompromissado com os valores que carregavam os refugiados e que permite ao leitor uma aproximação ao exílio com base na qual construirá sua própria interpretação.

A técnica de criar uma perspectiva distanciada do tema que pretende abordar, utilizada por Aub em outros textos como *Manuscrito Cuervo* ou *Enero sin Nombre*, os quais contam com narradores incomuns, um corvo e uma árvore, respectivamente, permite apresentar narrativas com elementos traumáticos ou temáticas de difícil abordagem valendo-se de um enfoque que os toma de forma mais descritiva e aparentemente descomprometida. É como se o narrador se afastasse do problema que deve narrar e o tomasse a partir de outro olhar. Essa mudança de olhar, como o de um observador, integra o leitor, que também observa, e lhe transmite sentidos que podem ser interpretados e aproximar aquele que não viveu a experiência traumática dela.

É o olhar de Nacho, ainda que não os compreendesse, que guia o leitor no universo dos exilados. A partir dele pode-se observar o exílio e também pensar no impacto que o recebimento dos refugiados pode ter causado no cotidiano dos países que os receberam. A decisão radical de matar o ditador espanhol chama a atenção para a insustentável realidade do exílio e a ânsia por restaurar o que se tinha no passado.

Considerando, porém, a natureza híbrida e contraditória do pós-moderno, a narrativa que até então demonstrava a aversão de Ignacio pelos espanhóis, aponta para a contradição de que a personagem, estando na Espanha, surpreendentemente, gostou de Madri. O mexicano que não aguentava mais os exilados espanhóis que frequentavam o “seu” café chegou a considerar que até o sotaque dos madrilenos era menos forte que os dos exilados no México.

A construção contraditória da personagem, que já tinha sido apontada antes, permite o vislumbre de mais uma de suas capacidades: a de admirar o diferente, mesmo que este seja aquele que supostamente é seu inimigo. O desprazer de conviver com os exilados por anos no café não levou Nacho a deixar de se impressionar ou de desfrutar de sua estada em Madri.

A complexidade de que é constituído o personagem é em si irônica e paradoxal. Ignacio é apresentado como um homem simples, sem grandes pretensões e satisfeito com

sua simples realidade. Sua leitura, a princípio, não leva o leitor a se preparar para as possibilidades de interpretação que se colocam ao longo do texto. As contradições de Nacho e sua decisão de matar o ditador espanhol surpreendem e chamam a atenção para outros temas e aspectos complexos do texto, especialmente os relacionados à experiência do exílio.

Apesar do conflito que tem em relação ao conquistador, assim, Nacho desfruta da Espanha e percebe-se que o que mais lhe incomoda, no fim das contas, são os refugiados com seu descontentamento com o exílio e sua eterna lembrança do passado. A experiência do exílio é tão angustiante que atinge o garçom e o leva a querer se livrar dela.

De forma objetiva, a fim de realizar o assassinato de Franco, Ignacio rapidamente se relacionou com os funcionários porto-riquenhos da embaixada norte-americana. A partir dessa relação foi possível que se aproveitasse da proximidade que desenvolveu com o tenente de infantaria da embaixada, Silvano Portas Carriedo, para enganá-lo e passar-se por ele para assassinar o ditador espanhol.

Ignacio parece, a princípio, ter planejado tudo em relação ao assassinato que pretendia realizar: pensou no passaporte, no dinheiro, hospedagem, mas contraditoriamente, não pensou em algo importante para esse tipo de empreitada:

[...] Nacho Jurado no hizo nada para preparar el atentado; tenía a convicción de que todo saldría como se lo proponía. De lo único que no juzgaba: de la fuga. En el fondo le tenía sin cuidado. Lo que llevaría a cabo, respondiendo a un impulso natural, era completamente desinteresado, como no fuese por librarse, si salía con bien, de las conversaciones españolas en “su” café mexicano. Puede ser que obedeciera, sin saberlo, a los intereses de su clase meseril. (AUB, 1997, p. 423).

Ora, o garçom mexicano foi até a Espanha para realizar um ato que, embora fosse criminoso, poderia beneficiar a muitos, inclusive ele, mas não tinha pensado em sua fuga? É como se considerasse que seu ato de “generosidade” pudesse isentá-lo de qualquer julgamento ou prejuízo. Poder-se-ia até pensar que novamente se cria uma sensação de predestinação no conto.

Tal predestinação parece ser confirmada pela magistral realização do atentado contra Franco e pela conseqüente fuga realizada sem nenhum empecilho para Nacho, que ainda pôde viajar, como turista, por outros países da Europa.

Vale recordar a forma como Nacho prepara e realiza o assassinato: no dia 18 de julho, véspera do “*Gran desfile*” no qual realizaria o atentado, Nacho convidou o tenente Carriedo para sair. Disse ao convidado que aquele era o dia de seu aniversário, os dois comeram, o tenente se divertiu e, às duas da manhã, Nacho se aproveitou de um momento

em que o convidado foi ao banheiro para colocar narcotina em sua bebida. Assim, o tenente que teria de acordar cedo para o desfile teve de ser carregado até o hotel e acordou somente às nove da manhã, quando recebeu mais uma dose de narcotina do garçom mexicano. Vestindo as roupas do militar, Ignacio foi ao desfile e atirou em Franco. Tudo aconteceu de forma bastante rápida e Nacho não teve problemas para deixar o local do atentado, curiosamente.

A forma como Ignacio organiza o assassinato é interessante. O leitor não é avisado sobre o seu plano e tem de acompanhar a narrativa, que toma um ritmo mais acelerado. É quase uma cena de cinema o que se observa: a ação fala por si mesma, sem muitas considerações do narrador ou indicações de pensamentos ou dúvidas das personagens envolvidas.

A ideia de montagem cinematográfica, evidente nesse trecho da narrativa, já vinha se configurando ao logo do conto. A sua própria divisão em cinco partes poderia ser interpretada como cinco cenas: a primeira apresenta Nacho, a segunda trata da chegada dos exilados, a terceira mostra a chegada de Marín, a tortura de Nacho com os exilados e os debates que o inspiram a assassinar Franco; na quarta o assassinato e na quinta se demonstra o que aconteceu após esse assassinato.

Tem-se uma sequência de cenas que facilmente poderiam ser, como foram (em 2002 foi feito o filme *La virgen de la Lujuria*, dirigido por Arturo Ripstein, baseado no conto de Aub), adaptadas ao cinema. Vale recordar que Max Aub teve contato com o cinema, escreveu roteiros e que, no momento em que teve de deixar a Espanha, em 1939, estava realizando as filmagens de *Sierra de Teruel* ao lado do cineasta André Malraux. Essa proximidade de Aub com o cinema seguramente trouxe contribuições para sua obra literária. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o romance *Campo Francés* que surgiu da adaptação de um roteiro de cinema, algo que também parece haver acontecido com o conto *La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco*.

Por fim, a quinta e última parte do conto apresenta as consequências do ato de Nacho: com a morte de Franco se instaura na Espanha a terceira república, mas o cotidiano do Café Espanhol, no México, não voltou a ser como antes. Mantiveram-se lá os exilados da Guerra Civil e, para a tristeza de Nacho, se uniram a eles novos exilados partidários de Franco.

Ironicamente, o ato do garçom mudou a realidade espanhola, mas não a sua própria, como esperava. Com esse panorama “*Ignacio Jurado Martínez se hizo pequeño, pequeño, pequeño; hasta que un día no se le vio más*” (AUB, 1997, p. 428).

Ele não pôde suportar a rotina que lhe impunha a realidade depois de tudo o que havia acontecido. Ignacio chegou ao extremo do que poderia ser feito para recuperar o estilo

de vida que tanto lhe agradava, mas, novamente, como que por predestinação, não conseguiu mudar absolutamente nada em sua vida.

Toda a história de Nacho parece estar tomada por um determinismo que não se pode vencer. Ignacio parece apenas ter seguido o seu destino como estava determinado: seguiu sua vocação e transformou-se em garçom – dedicando toda sua vida a seu ofício – e assassinou Franco, mudando a história mundial, mas não pôde se livrar dos exilados espanhóis. Percebe-se algo de pessimista e irônico nesse sentido. Todas as personagens do conto acabaram tendo de aceitar um destino que não queriam, seja ele o exílio seja conviver com os exilados. Não há saída para eles.

Por outro lado, considerando o desejo dos exilados por retornar à pátria, é também irônico que seja um garçom mexicano aquele quem toma a iniciativa de fazer algo contra Franco ou de tentar possibilitar o retorno dos desterrados. Comenta Soler (2003, p. 3):

Aub ejerce, como es su costumbre, una crítica feroz contra sus colegas de guerra y, desde luego, contra él mismo. Ignacio el camarero, harto de las conversaciones y de las quejas que los refugiados permanentemente expresan contra Franco, decide viajar a España para matar al dictador. Mientras Ignacio, el camarero de Sonora, llega a Madrid y consigue el arma con la que va a matar a Franco, los refugiados republicanos, cuando menos los de esta historia, conversan y beben café al otro lado del mar, e insertan, cada dos por tres, esa frase tan célebre en ellos: “Cuando caiga Franco...”. La crítica de Aub es total: ¿Qué hacían los refugiados mientras Ignacio el camarero terminaba, de un solo balazo certero, con ese dictador que era su pesadilla?; o, escrito por él mismo, otra vez en su diario luminoso: “¿Qué pesamos? Nada. ¿Qué valemos? Lo que somos capaces de pesar”.

Parece desenvolver-se no texto uma crítica relacionada à falta de ação dos exilados e à sua acomodação. Ao fim e ao cabo é um garçom mexicano, que não gosta de mudanças, quem acaba, ironicamente, tomando uma atitude para transformar a realidade que se havia instalado em sua vida.

Como se observa, há uma série de ironias que vão configurando o conto e dando-lhe tom. A narrativa vai se construindo sobre camadas de sentidos que se resumem à sua maior ironia: apresenta-se uma realidade alternativa na qual Franco deixa de existir, mas isso não é capaz de operar mudanças no estado dos exilados.

O final do conto carrega também a revelação da natureza da narrativa: trata-se do registro da história de Nacho, contada por ele ao narrador. Esse narrador desempenha o papel daquele que preserva a memória e se responsabiliza por ela para que não seja esquecida. Essa característica contribui para que a narrativa ganhe um tom realista. Ou seja, ao apresentar a história como algo ouvido da própria boca de Nacho, o narrador a apresenta como “verdadeira”.

É claro, porém, que ainda que a narrativa seja apresentada como verídica pelo narrador, o leitor desde o início da leitura já sabe que se trata de uma ficção pelo simples fato de que, no conto, Nacho assassinou Franco em 1959 e quando a obra foi publicada, em 1960, o ditador espanhol ainda estava vivo. Não há, nesse caso, nem espaço para dúvidas do leitor acerca da veracidade da obra.

Esse jogo estabelecido entre “realidade” e ficção trata de apresentar, na verdade, a realidade alternativa de que já se falou. Essa realidade criada poderia, em um mundo ideal, trazer mudanças para a vida dos exilados, mas o que acontece é que não muda nada. É como se isso denunciasse que para o exilado não há a possibilidade de mudança, nem mesmo na ficção.

Algo, porém, que não deve ser esquecido é que essa realidade alternativa é apresentada a partir do olhar de Nacho, desde a sua perspectiva que, em tese, foi recuperada pelo narrador. Com isso se faz possível observar a forma como o garçom que teve sua vida invadida pelos refugiados os vê. É como se o seu olhar denunciasse um congelamento dos exilados que vivem o passado e não se interessam pelo presente. Esse é o drama de Nacho: o garçom vive somente o presente, desenvolve suas tarefas e convive com as conversações diárias do café.

Assim, foi pela perspectiva de quem recebeu os desterrados espanhóis, por um olhar distanciado, que se construiu, nesse conto, uma representação do exilado bastante próxima à realidade que se desenrolou nos anos em que perdurou o exílio republicano espanhol. A principal característica dada aos exilados na obra de Aub, o permanente falar do passado, pôde representar o profundo sentimento de perda que toma conta daqueles que vivenciaram o desterro.

O conto aproxima, assim, o leitor do olhar de quem conviveu com o exilado para poder compreendê-lo. Com uma mudança de perspectiva, valendo-se do olhar do outro, foi possível para Aub representar o exilado por suas ações, tentando, de certa maneira, tratar esteticamente do vazio que, como diz De Marco, envolve o exílio.

Recebido em: 28/03/2017

Aprovado em: 09/04/2017

REFERÊNCIAS

AUB, Max. La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco. In: *Enero sin nombre - Los relatos completos del Laberinto Mágico*. Barcelona: Editorial Alba, 1997. p. 407- 428.

CORDERO OLIVERO, Inmaculada. El exilio español y la imagen de España en México. In: *Historia del presente*, n. 2, 2003, p. 51-68. Disponível em: <<<http://historiadelpresente.es/sites/default/files/revista/articulos/2/2.4.pdf>>> Acesso em 20 mar. 2017.

DE MARCO, Valéria. Max Aub: uma poética do exílio. *Aletria: Revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 115-129, jan./jun. 2009.

_____. Leituras do Êxodo Republicano Espanhol. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). *Guerra Civil Espanhola – 70 anos depois*. São Paulo: Edusp, 2011. p. 95-115.

LEÓN-PORTILLA, Ascensión Hernández de. El exilio español en México: Cuatro momentos. *Revista de la Universidad de México*, Álvaro Obregón, v. 31, n. 76, 2010. Disponível em: <<http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/ojs_rum/index.php/rum/article/view/1772>> Acesso em 10 fev. 2017.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PRESTON, Paul. *El holocausto español*. Tradução Catalina Martínez Muñoz; Eugenia Vázquez Nacarino. Barcelona: Debolsillo, 2013.

SAID, Edward. Recuerdo del invierno. *Punto de Vista: Revista de Cultura*, n. 22, p. 3-7, diciembre de 1984.

SÁNCHEZ CUERVO, Antolín. Memoria del exilio y exilio de la memoria. *ARBOR - Ciencia, Pensamiento y Cultura*, Madrid, v. 185, n.735, p. 3-11, enero-febrero 2009. Disponível em: <<<http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/viewArticle/260>>> Acesso em 20 mar. 2017.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Recuerdos y reflexiones del exilio*. Barcelona: Associació d'Idees-GEXEL, 1997.

SOLER, Jordi. El testigo incómodo. *Letra Internacional*, Madrid, n. 80, otoño de 2003. Disponível em: <<https://www.almendron.com/artehistoria/wp-content/uploads/max_aub_15.pdf>> Acesso em: 26 jan. 2017.